

Nas trilhas de Eros: a força vital africana em **Poemas eróticos**, de José Craveirinha*

Michelly Pereira**

RESUMO

Este trabalho tem como referência o livro *Poemas eróticos*, de José Craveirinha. Pretende-se mostrar, através da análise desses poemas, como a perspectiva erótica, muitas vezes tomada como “força vital”, integra a visão africana.

Palavras-chave: José Craveirinha; *Poemas eróticos*; Erotismo e força vital.

Se os seres desejam o prazer, não poderíamos pensar que é porque todos aspiram a viver? Ora, a vida é uma atividade, e cada ser exerce sua atividade sobre os objetos e com as faculdades que mais aprecia; assim, o músico com a audição sobre a melodia, o intelectual com o pensamento sobre os objetos de contemplação, e assim por diante. Ora, o prazer aperfeiçoa as atividades e, portanto, a vida, que todos os seres desejam. Então, é normal que todos, de uma só vez, aspirem ao prazer; pois o prazer aperfeiçoa, para cada um, a vida, que lhe é preciosa [...]. (ARISTÓTELES *apud* LEBRUN, 1990, p. 78)

O livro *Poemas eróticos*, de José Craveirinha (2004),¹ é uma singularidade dentro do conjunto da obra desse escritor, pois é o único de seus trabalhos que possui caráter essencialmente erótico. Não que seja o único a apresentar manifestações do erotismo, porque

* Trabalho final do curso “Literaturas africanas de língua portuguesa: o erotismo – literatura e pintura”, ministrado pela Profa. Dra. Maria Nazareth Soares Fonseca no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas, no segundo semestre de 2005.

** Mestranda em Literaturas de Língua Portuguesa na PUC Minas.

¹ Todas as citações de *Poemas eróticos* se referem à edição de 2004 e serão indicadas a partir de agora apenas pelo número da página.

este aparece disseminado por toda a produção do autor. Entretanto, mesmo com o erotismo presente desde sempre, dificilmente encontraremos o trabalho de um teórico que se proponha a analisá-lo em José Craveirinha. O poeta é muito estudado sob diversas óticas, dadas a multiplicidade e a importância de sua obra, além de seu reconhecimento mundial, mas falar de erotismo em Craveirinha é pisar em terreno muito pouco visitado.

O livro que aqui propomos comentar é uma obra de publicação póstuma, porque assim quis seu autor. Sua organizadora, Fátima Mendonça (2004), explica-nos:

Digamos que a forma como essa entrega foi feita se revestia de uma espécie de enigma que eu teria de resolver. [...] percebi melhor o significado deste punhado de poemas integrados em “Arte Barroca”, [...] porque irrompia deles algo subitamente novo (embora não completamente inesperado) e que, de alguma maneira, representa o último gênero Zé Craveirinha. (p. 6)

Como seu próprio nome indica, o livro contém poemas de temática erótica, sendo que cada uma de suas quatro partes abrange uma diferente face do erotismo. Segundo sua organizadora (MENDONÇA, 2004), a primeira parte, “Rezas de amor”, contém poemas líricos; já a segunda, “Arte barroca”, apresenta uma posição libertina, enquanto a terceira, “Frenesi dos zangãos”, possui retórica irônica e foco na relação macho-fêmea; por fim, a quarta parte, “25 unhadas às gatas”, está sujeita a variadas conotações. O leitor poderá encontrar poemas que, de acordo com seu ponto de vista, se encaixam melhor em uma ou outra parte, ou até mesmo em nenhuma delas. No entanto, a leitura que aqui realizamos não quer discordar da divisão feita pela organizadora. Não nos interessa pontuar as diversas faces de Eros na obra do escritor, mas sim, investigar as estratégias através das quais essas faces se manifestam, principalmente no que diz respeito à “força vital”. Para tanto, realizaremos um vôo sobre a obra a fim de levantar características peculiares que, de algum modo, contribuem para a configuração do erotismo nessa diversificada arte erótica.

O EROTISMO EM JOSÉ CRAVEIRINHA

O primeiro fator a nos chamar a atenção é a estrutura dos poemas presentes no livro. Mesmo sem ler nenhum deles, em uma simples folheada de páginas o leitor depara-se com “uma disposição gráfica não habitual” (MENDONÇA, 2004, p. 5) na poesia de José Craveirinha. Ao invés de estarem alinhados, os versos formam uma escada, uma espécie de *enjambement*. Essa disposição dá mais movimento aos poemas, um ir-e-vir que sugere VIDA. Em outras palavras, o movimento liga-se diretamente à idéia de erotismo na concepção africana, ou seja, com o sentido de “força vital”, visto por Amadou Hampaté Bâ (1993) como força que emana de todas as coisas da natureza, integrando-se com elas e expressando-se através de suas funções:

Os elementos da forja são associados ao simbolismo sexual, que é expressão ou reflexo de um processo cósmico de criação. Assim os dois foles redondos, acionados pelo ajudante de ferreiro, se assemelham aos testículos do homem. O ar que deles escapa é a substância de vida, transmitida, através de uma espécie de tubo que representa o falo, ao forno da ferraria, que representa a matriz onde atua o fogo transformador. (p. 18)

Essa idéia de movimento é reforçada pelas formas verbais em gerúndio ou, até mesmo, pelo uso da expressão “em gerúndio”, como no poema “Amor em gerúndio”:

Corpos respirando
nos respectivos poros
confluindo.
Um baptismo
de poros orgiando
a celebração dos nervos.
Contigo
e eu a sós
desaguando na liturgia
de uma dupla galáxia
lânguido fulgor
pairando além dos lençóis. (p. 25)

Essa forma nominal é assim chamada porque pode “ter valor de nomes (substantivo ou adjetivo)” e caracteriza-se por não poder exprimir, por si, nem o tempo nem o modo: “o gerúndio exprime uma ação em curso” (TUFANO, 2005, p. 90). Sendo assim, essa forma nominal, que é usada de modo recorrente nos poemas, contribui para manter a noção de deslocamento contínuo, de animação sempre, de algo nunca estático. E, mais uma vez, temos uma proposição de vida. O poema citado demonstra uma ação contínua, nunca acabada e, por isso, de certa forma, “eterna”. Sem passado, sem futuro, a transcendência parece ser alcançada através da realização erótica, como acontece também no poema “O vôo” (p. 59). Assim, o momento instantâneo de êxtase sexual é eternizado. O mesmo ocorre em “O timbre dos deuses”:

Vivo
 um delírio
 de corpos
 enovelados
 tangendo
 seus próprios
 cânticos.
 Dedos
 e bocas
 em manuais
 de Sade.
 Desencantados
 dos outros
 confidenciando-se
 néctares
 portas
 adentro
 dos favos
 do Céu.
 Exaustos
 corpos encontram
 o timbre
 dos Deuses. (p. 17)

O poema faz um apelo aos sentidos: audição, tato e paladar são convocados a entrar em ação para que o corpo sinta as delícias da vida. Dessa forma, ocorrem a “festa dos sentidos”, conseqüentemente, do prazer, o “sem limites”. Para Bataille (1987), essa ultrapassagem dos limites é uma transgressão que se dá em diferentes graus e, “de grau em grau, o caráter de transgressão se acentua. O caráter de transgressão, o caráter de pecado” (p. 101). Daí termos, no poema, uma reminiscência ao autor considerado libertino para a sua época: Sade. A subversão do sagrado aparece em outros momentos, como em “Deus à semelhança do homem” (p. 27), poema no qual o homem pode mais que Deus.

Como podemos perceber, há nos poemas citados uma presença marcante de significantes do campo lexical religioso: culto, altar, celebração etc. Em outros poemas também encontramos esse e outros campos, utilizados de forma expressiva. Dois núcleos que também se apresentam são: o musical (samba, sopranos, staccato etc.) e o natural (crisântemos, colibri, pôr-do-sol etc.). Vale ressaltar que a presença da natureza nos poemas está ligada ao animismo, próprio da cultura ancestral africana, que, ao longo da obra, irá resgatar a noção de Eros como “impulso de vida”.

O poema “Louvor aos louvores” representa bem o valor do erotismo como “pulsão de vida”:

Louvada
 seja
 a água
 que satisfaz
 minha sede.

Louvido
 o milho maduro
 da nossa
 bela farinha.

E
 louvada
 seja a mulher
 que louva

a gênese
do seu ventre
e nos concebe bem vivos
perante o mútuo pão fresco.

E
louvados
 os lábios
 no mútuo beijo
 e mútuo pão
 da mesma fome. (p. 19)

Nesse poema, a mulher é louvada juntamente com sua fertilidade, representando o modo apoteótico como Eros é louvado em todas as coisas, inclusive sendo expresso nas necessidades vitais do ser humano: sede e fome.

A repetição da conjunção aditiva “e”, juntamente com a do significante “louvado” e suas variações, enfatiza a expressividade musical do poema, aproximando-o muito de um hino de louvor.

Também no poema que se segue temos Eros presente em todas as forças do universo, como força cósmica:

Crista da onda.
Turbilhão de ressaca.
O cume oceânico da veia.

Onda brava dos fêmures
suaves suplícios mais desejados.
Aonde as algas?
Cintilantes areias mornas.
O sol ofegando o zênite.
O delírio do universo.

Da onda a crista.
Da praia as vozes de espuma. (p. 49)

Fator que incomoda no poema é a ausência de qualquer sujeito, porque aparecem apenas partes do corpo. As imagens são jogadas em dois campos: natureza x corpo. Dessa forma, cria-se uma atmosfera onírica através do uso excessivo de metáforas. Então, o erotismo surge em imagens como força organizadora do mundo. Sobre a relação

entre imagem e erotismo, diz Lima (1995): “A imagem (excessiva) é fruto do erotismo, é transgressão e mediação fascinante. A imagem (erótica) é sempre a imagem de uma memória emocionada – do excesso ou da exceção (em ambos os casos pelo mesmo motivo: o arrebatamento!)” (p. 392).

Por outro lado, configurando uma “arte barroca”, encontramos o poema “Sem alma”:

Recuso
meu corpo.
Companheiro desolado
ele foge de sua alma
quando por instantes
a ternura do diabo
me toma. (p. 66)

O poema citado tem como tema o drama humano, muito representado pelo movimento barroco, isto é, a oscilação de um extremo a outro, entre carne e espírito. Sendo assim, o erotismo configura-se mais como carnal, de modo que o corpo se separa da alma para ceder totalmente ao desejo, ao pecado, ao diabo, porque, segundo Bataille (1987),

O ser, na verdade, se divide, sua unidade se rompe, desde o primeiro instante da crise sexual. Nesse momento, a vida pletórica da carne choca-se com a resistência do espírito. Mesmo o acordo aparente não basta: a convulsão da carne, para além do consentimento, exige o silêncio, a ausência do espírito. O movimento carnal é singularmente alheio à vida humana: ele se desencadeia independente dela, contanto que ela se cale, contanto que ela se ausente. (p. 98)

Vejam os poemas “Xingombela”:

Ritmo
de veias
gladíolo
de xingombelas
dentro e fora

CONCLUSÃO

Considerando todas as suas características aqui apresentadas, podemos concluir que a poesia em *Poemas eróticos* conflui para um único espaço: o do erotismo vital, como o quer a tradição africana, porque o desejo é vida e “move o mundo” (CHAUÍ, 1990, p. 29).

Assim, o erotismo, seja como movimento, busca de prazer, manifestação estética ou celebração da vida, representa sempre a ultrapassagem de limites (BATAILLE, 1987), isto é, o desejo de manter-se distante da morte. Nos dizeres de Chauí (1990), Eros é “manifestação consciente do esforço individual de autoconservação na existência” (p. 56).

Desse modo, a poética de José Craveirinha em *Poemas eróticos* liberta corpos e discursos reprimidos, através da linguagem sensualmente trabalhada e do resgate, gradual e constante, do erotismo vital presente em tradições africanas, uma concepção que atualmente se encontra esgarçada pelas influências culturais mundiais.

ABSTRACT

This paper has as reference the book *Poemas eróticos*, by José Craveirinha. It intends to show through these poems analysis how the erotic perspective integrates the African view, several times considered like “vital force”.

Key words: José Craveirinha; *Poemas eróticos*; Erotic perspective and vital force.

Referências

- ARISTÓTELES. Poética. *apud* LEBRUN, Gerard. A neutralização do prazer. In: NOVAES, Aduino. *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 67-89.
- BÂ, Amadou Hampaté. Palavra africana. *Correio da Unesco*, Paris, ano 21. n. 11, p. 16-26, nov. 1993.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- CHAUÍ, Marilena. Laços do desejo. In: NOVAES, Aduino. *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 19-66.
- CRAVEIRINHA, José. *Poemas eróticos*. Maputo: Moçambique Editora; Lisboa: Texto Editores, 2004.
- LEBRUN, Gerard. A neutralização do prazer. In: NOVAES, Aduino. *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 67-89.
- LEITE, Ana Mafalda. Empréstimos da oralidade na produção e crítica literárias africanas. In: LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades & escritas nas literaturas africanas*. Lisboa: Colibri, 1998. p. 11-36.
- LIMA, Sérgio Cláudio de. *A aventura surrealista*. Campinas: Ed. Unicamp, 1995. tomo 1.
- MENDONÇA, Fátima. Entre Fausto e D. Juan, sob os desígnios de Eros. In: CRAVEIRINHA, José. *Poemas eróticos*. Maputo: Moçambique Editora; Lisboa: Texto Editores, 2004. p. 5-9.
- TUFANO, Douglas. *Gramática e literatura brasileira: curso completo*. São Paulo: Paulus, 2005.